

Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará

Self-medication evaluation among medical students at a public university in southeastern Pará

DOI:10.34119/bjhrv4n2-082

Recebimento dos originais: 04/02/2021

Aceitação para publicação: 11/03/2021

Lais Sousa Pismel

Acadêmica de medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Rua Marechal Rondon, 281. Bairro: Amapá - Marabá

E-mail: laispismel@yahoo.com

Waleska Cheim Rocha Montalvão

Acadêmica de medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Folha 31, Quadra 4, Lote 22 Bairro: Nova Marabá - Marabá

E-mail: waleskacheim@hotmail.com

Ádria Rodrigues da Silva

Acadêmica de medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Rua 7 de setembro, 1622. Bairro: Centro - Abaetetuba

E-mail: adriarodriguess@hotmail.com

Norimar Pinto de Oliveira

Mestre de Ensino e Saúde da Amazônia pela Uepa

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hiléia, s/nº - Agrópolis do Incra - Bairro Amapá - Marabá

E-mail: norimar.oliveira@terra.com.br

Simone Argentino

Mestre de Ensino e Saúde da Amazônia pela Uepa.

Instituição: Universidade do Estado do Pará

Endereço: Avenida Hiléia, s/nº - Agrópolis do Incra - Bairro Amapá - Marabá

E-mail: simone.argentino@uepa.com.br

RESUMO

A automedicação consiste no consumo de um produto farmacêutico com objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, independentemente da prescrição profissional. Este comportamento é bastante difundido e tem aumentado principalmente entre os acadêmicos da área da saúde. Deste modo, o trabalho avaliou a prática de automedicação entre estudantes de medicina, de uma instituição de ensino superior pública do sudeste do Pará. Para isso, realizou-se um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, no qual houve a aplicação de um questionário aos acadêmicos de medicina. A análise dos dados foi feita por meio da Estatística Descritiva com a construção de tabelas e gráficos,

e por meio da Estatística Analítica através dos Testes G e Qui-Quadrado Aderência para tabelas univariadas e Independência, para tabelas bivariadas. Constatou-se que dos 104 discentes, a maioria relatou praticar automedicação, destes a maioria significativa buscou aconselhamento com parentes, utilizou conhecimentos prévios, consultou a internet e seguiu instrução da bula. Afirmaram utilizar de 2 a 3 medicamentos, sendo os mais usados analgésicos e antitérmicos, a cafeína apareceu como estimulante mais usado e a cefaleia como principal sintoma, sendo a principal justificativa busca de alívio imediato. Concluiu-se que a prevalência da automedicação entre os acadêmicos de medicina desta instituição de ensino, é significativa, evidenciando a necessidade de intervenção das estruturas educacionais, para discussão e aprofundamento desta temática pelos discentes, tendo em vista que, como futuros médicos serão formadores de opinião.

Palavras-chave: Automedicação, medicina, fármacos.

ABSTRACT

Self-medication consists of the consumption of a pharmaceutical product in order to treat, alleviate symptoms or perceived illnesses, regardless of professional prescription. This behavior is widespread and has increased mainly among academics in the health field. In this way, the work evaluated the practice of self-medication among medical students from a public higher education institution in southeastern Pará. For this, a cross-sectional, descriptive study with a quantitative approach was carried out, there was no questionnaire applied to medical scholars. An analysis of the data was made through Descriptive Statistics with the construction of tables and graphs, and through Analytical Statistics through Tests G and Chi-Square Adherence for univariate tables and Independence for bivariate tables. It was found that of the 104 students, most reported practicing self-medication, of these the majority simplified counseling with relatives, used previous knowledge, consulted the internet and followed the instructions on the package insert. They claimed to use 2 to 3 medications, the most used of which are analgesics and antipyretics, a caffeine appeared as the most used stimulant and headache as the main symptom, the main justification being the search for immediate relief. It was concluded that the prevalence of self-medication among medical students at this educational institution, evidencing the need for intervention by educational structures, to discuss and deepen this theme by students, considering that as future doctors they will be opinion makers.

Keywords: Self-medication, medicine, drugs.

1 INTRODUÇÃO

Os fármacos apresentam função essencial na proteção, recuperação e manutenção da saúde, promovendo assim melhorias na qualidade de vida (LIRA et al., 2014). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define medicamento como um "produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico. Uma forma farmacêutica terminada que contém o fármaco, geralmente em associação com adjuvantes farmacotécnicos", (BRASIL, 2002), o qual pode acarretar danos à saúde quando administrado inapropriadamente (TOMASINI et al., 2015).

Nesse contexto, a automedicação consiste no consumo de um produto farmacêutico com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas ou doenças percebidos, independentemente da prescrição profissional (LOYOLA FILHO et al., 2002). Este comportamento bastante difundido no Brasil e em outros países é praticado de várias formas, como a partir da aquisição do medicamento sem receita, compartilhamento de remédios com membros da família ou do círculo social, desvio de unidades de receitas destinadas a outra terapêutica, reutilização de antigas prescrições e descumprimento de orientação profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a posologia e o período de tempo indicados na receita (FONSECA et al., 2010).

A baixa renda mensal da população e a pequena efetividade dos serviços de saúde podem ser fatores que possibilitam a obtenção de medicamentos sem consulta e sem prescrição médica, em qualquer estabelecimento farmacêutico. As classes sociais privilegiadas, por sua vez, praticam a automedicação devido à herança cultural e às facilidades que um maior poder aquisitivo proporciona como a compra de medicamentos de alto custo, que são excessivamente divulgados pela mídia, sendo escassos os programas educativos e campanhas que orientem sobre os malefícios dessa prática (MASSON et al., 2012).

Automedicação pode culminar em prejuízos à saúde decorrentes de utilização de dosagem insuficiente ou excessiva, reações de hipersensibilidade, enfermidades iatrogênicas, alteração do padrão evolutivo das doenças, má-formação fetal, dependência do medicamento e resistência à ação dos fármacos (SILVA et al., 2012). Além disso, pode culminar no mascaramento ou o impedimento do diagnóstico correto de uma grave doença, podendo ainda afetar negativamente qualquer processo patológico no paciente, e ainda pode provocar interações medicamentosas de grande importância, resultando em efeitos secundários (MORAES et al., 2018).

Outro ponto que vale ser ressaltado diante deste tema é a crescente cultura do acúmulo de medicamentos nas residências constituindo por vezes um verdadeiro arsenal terapêutico e também fator de risco (FERREIRA et al., 2005), tendo em vista que além de favorecer a prática da automedicação, facilita a ocorrência de um equívoco entre medicamentos, e aumenta o risco de intoxicação por ingestão acidental, a falta de cuidados com a farmácia caseira pode afetar a eficiência e a segurança no uso de medicamentos de diversas maneiras, por exemplo, a ingestão acidental dos medicamentos pelas crianças (causando intoxicações) e a perda da eficiência do medicamento pelo mau armazenamento ou até mesmo por vencimento (ZAMUNER, 2006).

Dessa forma, a venda por vezes indiscriminada e a automedicação disseminada no nosso país corroboram para que os fármacos ocupem o primeiro lugar entre os agentes causadores de intoxicações (30,7%) (ROCHA, 2009). Mais de 100 mil casos de intoxicações humanas foram registradas em 2007 no Brasil, tendo, em 25% do total de casos, as crianças menores de cinco anos se mantido como a faixa etária mais atingida, de acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (Sinitox). Especialistas apontam que para minimizar os riscos de intoxicação é importante não armazenar medicamentos em casa após o término do tratamento (BRASIL, 2007).

Loyola Filho (2002) refere que diversos fatores no âmbito econômico, político e cultural vêm colaborando para a expansão da automedicação no mundo, tornando essa prática um problema de saúde pública. Corroboram para esse crescimento e difusão dessa conduta a propaganda comercial maciça de alguns remédios, a facilidade de aquisição sem a prescrição médica, a falta de orientação sobre os riscos inerentes e o acesso rápido às informações sobre o fármaco na internet ou em outros meios de comunicação (CHEHUEN NETO et al., 2006).

Quando se trata de estudantes universitários, especialmente os da área da saúde, estudos sinalizam um aumento dessa prática. Entre acadêmicos de medicina a prática se deve, dentre outros fatores, ao fácil acesso a medicamentos e fármacos, o contato direto com profissionais da área da saúde, a autoconfiança advinda do conhecimento teórico e prático adquirido durante a graduação e a falta de tempo para procurar assistência médica (TARLEY et al., 2018).

Existem estudos que concluem que os maiores adeptos da automedicação são aqueles que dispõem de um maior grau de informação. Demonstra-se que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida gera uma maior confiança naqueles que se automedicam (CHEHUEN NETO et al., 2006). Assim sendo, é notável a importância de estudos sobre a automedicação em acadêmicos da área da saúde, porém são poucos os estudos existentes que investigam essa temática, e, uma vez que estes acadêmicos se tornarão os profissionais que irão encaminhar e orientar a população, é imprescindível a discussão do tema. Dessa forma, o presente estudo visa avaliar a prática de automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior pública, objetivando verificar quais as classes medicamentosas e fármacos mais utilizados pelos estudantes, observar o uso de psicoestimulantes naturais ou sintéticos pelos estudantes, relatar os principais motivos

para a automedicação pelos discentes, correlacionar a prática de automedicação com o gênero, idade e renda familiar do estudante.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a prática de automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino superior pública do sudeste do Pará.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar as classes medicamentosas e fármacos mais utilizados na automedicação pelos estudantes.
- b) Observar o uso de psicoestimulantes naturais ou sintéticos pelos estudantes.
- c) Relatar os principais motivos para a automedicação pelos discentes.
- d) Correlacionar a prática de automedicação com o gênero, idade e renda familiar do estudante.

3 METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação de um questionário aos acadêmicos de medicina, acima de 18 anos, da Universidade do Estado do Pará, Campus VIII localizada no município de Marabá. O questionário foi desenvolvido com base na literatura e aplicado de forma on-line via formulário eletrônico google-forms. Foi obtida uma amostra significativa de 102 discentes.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

As informações da caracterização amostral foram apuradas e digitadas em planilha elaborada no software Microsoft® Office Excel® 2016. Na aplicação da Estatística Descritiva, foram construídos tabelas e gráficos para apresentação dos resultados e calculadas as medidas de posição como média aritmética e desvio padrão. A estatística analítica foi utilizada para avaliar os resultados das variáveis da amostra através dos Testes G e Qui-Quadrado Aderência para tabelas univariadas e Independência, para tabelas bivariadas. As estatísticas descritiva e analítica, foram realizadas no software BioEstat® 5.4. Para a tomada de decisão, foi adotado o nível de significância $\alpha = 0,05$ ou 5%, sinalizando com asterisco (*) os valores significantes.

3.2 QUESTÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado do Pará, Campus VIII, com o número CAAE 32826920.3.0000.8607.

4 RESULTADOS

A amostra foi composta de 104 discentes, regularmente matriculados no curso de Medicina, durante o segundo semestre de 2020.

Os participantes da pesquisa foram na sua maioria do sexo masculino (54.8%), não sendo uma diferença estatisticamente significativa ($p = 0.3775$) em relação ao sexo feminino (54.8%).

Em relação à idade dos participantes, houve incidência estatisticamente significativa ($*p < 0,0001$) de alunos com idade entre 20 e 24 anos (57.7%), sendo este intervalo o de maior proporção na amostra. As idades mínimas e máximas foram de 18 e 38 anos respectivamente, com média aritmética de 23,2 anos.

A maioria estatisticamente significativa dos discentes são de estado civil solteiro(a) (92.3%) e os demais casados ou com união estável (7.7%)

A renda familiar variou de menor de 01 salário-mínimo a mais de 10 salários. A faixa de maior proporção e estatisticamente significativa ($*p < 0.0001$) foi entre 02 a 05 salários-mínimos (56.7%).

Participaram da pesquisa discentes que cursavam do primeiro até o sexto ano do curso. O maior número de participantes foi de alunos entre o 1º e 2º anos (46.2%), com proporção estatisticamente significativa ($*p = 0.0034$), como mostra a tabela 1.

Tabela 01: Perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa, UEPA/Marabá, 2020

Perfil socioeconômico	Frequência	(N = 104)	p-valor
Sexo			0.3775
Feminino	47	45.2%	
Masculino	57	54.8%	
Faixa etária			< 0.0001*
< 20	15	14.4%	
20 a 24*	60	57.7%	
25 a 29	22	21.2%	
> = 30	7	6.7%	

Mínimo / Média ± DP / Máximo	18 / 23.2 ± 3.9 / 38		
Estado civil			< 0.0001*
Solteiro*	96	92.3%	
Casado/União estável	8	7.7%	
Renda familiar			< 0.0001**
Até 01	2	1.9%	
02 a 05*	59	56.7%	
06 a 10	22	21.2%	
> 10	21	20.2%	
Período do curso			0.0034*
1° ao 2° ano*	48	46.2%	
3° ao 4° ano	36	34.6%	
5° ao 6° ano	20	19.2%	

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

*Teste Qui-Quadrado Aderência; **Teste G Aderência

Ao serem perguntados sobre o uso de medicação sem prescrição médica, a maioria estatisticamente significativa (* $p < 0.0001$) declarou fazer uso dessa prática (89.4%), conforme tabela 2.

Tabela 02: Uso pelos discentes de medicação sem prescrição médica, UEPA/Marabá, 2020

Faz uso de medicação sem prescrição médica	Frequência	(N = 104)
Sim*	93	89.4%
Não	11	10.6%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

* $p < 0,0001$ Teste Qui-Quadrado Aderência

Para a prática do uso de medicação sem prescrição médica, parte dos discentes o fizeram por iniciativa própria (17.2%).

Entre os discentes que buscaram aconselhamento com diversas pessoas do seu convívio diário, foram mais frequentes os parentes (41.9%), os amigos e farmacêuticos (38.7% cada um) e o docente médico (33.3%). Os menos frequentes foi o aconselhamento com outros discentes do curso (11.8%) e os vizinhos (6.5%).

A maioria estatisticamente significativa (* $p < 0.0001$) relata que utilizou conhecimento prévio (87.1%) para o uso.

Em relação a consulta de literatura para o uso da medicação, a maioria significativa (86.0%) relata ter procurado algum tipo de literatura. A Internet foi o meio mais utilizado (73.1%), seguida dos livros (43.0%) e das revistas científicas (22.6%).

As receitas antigas não foram utilizadas pela maioria estatisticamente significativa (*p < 0.0001) dos discentes da amostra (77.4%) e seguiram as instruções da bula (86.0%), conforme tabela 03.

Tabela 03: Busca de informações para automedicação, UEPA/Marabá, 2020

Busca de informações para automedicação	Frequência	(N = 93)
Aconselhou-se com terceiros*		
Parentes	39	41.9%
Amigos	36	38.7%
Farmacêuticos	36	38.7%
Docente médico	31	33.3%
Balconista farmácia	23	24.7%
Estudantes 5º e 6º anos	22	23.7%
Outros	17	18.3%
Não se aconselhou com terceiros	16	17.2%
Utilizou conhecimento prévio		
Sim*	81	87.1%
Não	12	12.9%
Consultou literatura		
Internet*	68	73.1%
Livro	40	43.0%
Revista científica	21	22.6%
Não consultou literatura	13	14.0%
Utilizou receitas antigas		
Sim	21	22.6%
Não*	72	77.4%
Seguiu instruções da bula		
Sim*	80	86.0%
Não	13	14.0%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

*p < 0.0001 Teste Qui-Quadrado Aderência

Os discentes fazem uso de 01 até mais de 05 medicamentos, sem prescrição médica. A maioria estatisticamente significativa dos discentes (*p = 0.0152), faz uso de 02 a 03 medicamentos (38.7%), seguidos daqueles que usam pelo menos 01 (23.7%), conforme tabela 4.

Tabela 04: Número de medicamentos usados pelos discentes, UEPA/Marabá, 2020

Número de medicamentos usados	Frequência	% (N=93)
Pelo menos 1	22	23.7%
02 a 03*	36	38.7%
04 a 05	15	16.1%
Mais de 05	20	21.5%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

*p = 0.0152 Teste Qui-Quadrado Aderência

A classe de medicamento mais utilizada pelos discentes foi a dos analgésicos e antitérmicos (89.2%), sendo estatisticamente significativa (*p < 0,0001) em relação aos demais, como o antigripal (63.4%), os anti-inflamatórios não esteroidais (52.7%) entre outras, como mostra a tabela 5.

Tabela 05: Classe de medicamentos usados pelos discentes, UEPA/Marabá, 2020

Classe de medicamentos usados	Frequência	% (N=93)
Analgésicos e Antitérmicos*	83	89.2%
Antigripal	59	63.4%
Anti-inflamatório não esteroidais	49	52.7%
Antialérgico	40	43.0%
Relaxantes musculares	38	40.9%
Antiácido	33	35.5%
Xarope	33	35.5%
Antibiótico	31	33.3%
Antiparasitários	25	26.9%
Descongestionantes nasais	24	25.8%
Antifúngicos	21	22.6%
Corticóides	16	17.2%
Anticoncepcional oral	10	10.8%
Ansiolíticos	9	9.7%
Outros medicamentos	4	4.3%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

A maioria estatisticamente significativa da amostra (*p = 0,0006), declarou utilizar estimulantes para se manter acordado (67.7%). Entre os estimulantes utilizados, a cafeína foi o de maior proporção (90.5%), seguida dos energéticos (38.1%), conforme tabela 06.

Tabela 06: Uso de estimulantes pelos discentes de medicina, UEPA/Marabá, 2020

Uso de estimulantes	Frequência	% (N=93)	p-valor
Utiliza estimulantes para se manter acordado			0.0006*
Sim*	63	67.7%	
Não	30	32.3%	
Quais estimulantes		n = 63	< 0.0001**
Cafeína*	57	90.5%	
Energéticos	24	38.1%	
Guaraná	9	14.3%	
Taurina	9	14.3%	
Termogênico	4	6.3%	

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

*Teste Qui-Quadrado Aderência; **Teste G Aderência

Foram vários os sinais e sintomas que desencadearam a automedicação, sendo a cefaleia o de maior frequência com proporção estatisticamente significativa (* $p < 0.0001$). Também foram referidos os resfriados (58.1%), a febre (44.1%) e a alergia (35.5%), entre outros, como demonstrado na tabela 07.

Tabela 07: Sinais e sintomas que desencadearam a automedicação dos discentes, UEPA/Marabá, 2020

Sinais e sintomas	Frequência	% (N=93)
Cefaleia*	69	74.2%
Resfriado	54	58.1%
Febre	41	44.1%
Alergia	33	35.5%
Tosse	30	32.3%
Cólica	29	31.2%
Outra dor	28	30.1%
Infecções	27	29.0%
Dispepsia	20	21.5%
Prevenção	12	12.9%
Odinofagia	11	11.8%
Ferimento cutâneo	9	9.7%
Doenças Pulmonares	4	4.3%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

* $p < 0,0001$ Teste Qui-Quadrado Aderência

Em relação as justificativas para o uso de medicação sem prescrição médica, as maiores e significantes ($p < 0.0001$) proporções foram a busca de alívio (80.6%) e a praticidade (72.0%). Foram citadas também a facilidade de compra (46.2%), conhecimento prévio (43.0%) e falta de tempo (38.7%), como mostra a tabela 08.

Tabela 08: Justificativas para o uso de medicação sem prescrição médica, pelos discentes, UEPA/Marabá, 2020

Justificativas para o uso	Frequência	% (N=93)
Busca de alívio*	75	80.6%
Praticidade*	67	72.0%
Facilidade de compra	43	46.2%
Conhecimento prévio	40	43.0%
Falta de tempo	36	38.7%
Acesso	22	23.7%
Questões culturais	16	17.2%
Subestimar	14	15.1%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

*p < 0,0001 Teste Qui-Quadrado Aderência

Na comparação entre o uso de medicação sem prescrição médica e o período do curso em que o discente se encontra no momento da pesquisa, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa ($p = 0.3419$) nas proporções dos grupos, como mostra a tabela 09.

Tabela 09: Uso de medicação sem prescrição médica, em relação ao período do curso, UEPA/Marabá, 2020

Período do curso	N	Faz uso de medicação sem prescrição médica			
		Sim	%	Não	%
1° e 2° ano	48	44	91.7%	4	8.3%
3° e 4° ano	36	30	83.3%	6	16.7%
5° e 6° ano	20	19	95.0%	1	5.0%

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

$p = 0.3419$ Teste Qui-Quadrado Independente

O uso de medicação sem prescrição médica foi maior no sexo masculino (55.9%), não havendo diferença estatisticamente significativa ($p = 0.5109$), em relação ao sexo feminino.

Não houve diferença estatisticamente significativa, em relação ao uso de medicação sem prescrição médica, em relação a idade ($p = 0.1492$) e a renda familiar ($p = 0.8904$) dos discentes participantes da amostra, conforme tabela 10.

Tabela 10: Uso de medicação sem prescrição médica, em relação ao período do curso, UEPA/Marabá, 2020

Perfil socioeconômico	Faz uso de medicação sem prescrição médica				p-valor
	Sim	%	Não	%	
Sexo					0.5109
Feminino	41	44.1%	6	54.5%	
Masculino	52	55.9%	5	45.5%	
Faixa etária					0.1492
< 20	15	16.1%	0	0.0%	
20 a 24*	52	55.9%	8	72.7%	
> = 25	26	28.0%	3	27.3%	
Renda familiar					0.8904
Até 01	2	2.2%	0	0.0%	
02 a 05*	52	55.9%	7	63.6%	
06 a 10	20	21.5%	2	18.2%	
> 10	19	20.4%	2	18.2%	

Fonte: Formulário eletrônico aplicado na pesquisa, 2020.

Teste Qui-Quadrado Independente

5 DISCUSSÕES

Este estudo foi realizado no município de Marabá-PA e obteve resultados que confirmam o alto índice da prática da automedicação entre os estudantes de medicina da Universidade do Estado do Pará – campus VIII, alcançando uma prevalência de 89,4% (93/104), um resultado significativamente superior quando comparado a valores nacionais relatados em pesquisas anteriores feitas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com 76% e na Universidade Católica de Pelotas (UCPel), com 85,7%.

Tal resultado também está condizente com a revisão de literatura realizada por Cunha e Bachur (2019), a qual evidenciou que maior parte dos estudos analisados apresentou índices de prevalência de automedicação entre os acadêmicos de medicina, superior a 90% e, em alguns grupos, atingindo 100% dos estudantes.

Segundo Montgomery et al. (2011), o costume de automedicar-se é adquirido durante os anos de faculdade, ou seja, está ligado ao processo de formação médica. Em seu estudo Cunha e Bachur (2019) relatam que a diferença entre a automedicação do profissional médico e do acadêmico é que esse último não pode praticar a auto prescrição e precisa encontrar outros meios de obter as medicações. Corroborando com esse raciocínio Pilger et al. (2016) afirma que o nível de conhecimento e a afinidade com a prática médica surgem como supostos padrões instigadores da automedicação.

Quando questionados se procuraram aconselhamento com terceiros para automedicar-se, apenas 16 (17,2%) marcou não ter se aconselhado, por outro lado 39 (41,9%) dos participantes marcaram que se aconselharam com parentes, seguido de 36 (38,7%) com amigos e 36 (38,7%) farmacêuticos. Na pesquisa feita por Masson et al. (2012) os discentes foram divididos em dois grupos, o primeiro grupo era composto por alunos do primeiro ao quarto ano e o segundo grupo por alunos do quinto e do sexto, e o questionário com perguntas semelhantes ao do nosso estudo foi aplicado separadamente para cada grupo. Partindo desse ponto, foi possível observar que o resultado encontrado pelo nosso estudo foi semelhante ao resultado obtido pelo grupo 1, no qual a maioria dos participantes aconselhou-se com terceiros, sendo parentes e farmacêuticos os itens mais marcados. Nesse mesmo estudo realizado por Masson et al. (2012) o resultado obtido no item relacionado a utilização de conhecimentos prévios também foi similar ao encontrado em nossa pesquisa, no qual mais de 80% dos participantes marcou ter feito uso de conhecimentos prévios.

Dos participantes 72 (77,4%) marcou não ter feito uso de receitas médicas antigas, havendo discordância entre o resultado obtido por Fonseca et al. (2010), em sua casuística, 45,6% dos medicamentos haviam sido prescritos por médicos em outra situação. Também discordante do estudo realizado por Tognoli et al. (2019), no qual 165 (53,40%) recorreram à prescrições médicas anteriores para se automedicar, este mesmo estudo encontrou como resultado que 212 (68,61%) acreditavam não haver necessidade de indicação médica para os fármacos escolhidos; e ainda, 131 (42,40%) adquiriram informações adicionais em bula, 68 (22%) em Internet, 55 (17,80%) em profissionais de Saúde, 43 (13,92%) em familiares ou amigos e 12 (3,88%) nunca procuraram por informações adicionais dos medicamentos utilizados. Em comparação ao nosso estudo 86% dos participantes recorreu a bula e seguiu suas instruções, além disso quando questionados sobre consultar literatura a internet (73,1%) foi a alternativa mais marcada, seguida de livro (43%), revista científica (22,6%) e não consultou literatura (14%), nesta ordem.

Em relação ao número de medicamentos utilizados a maioria dos participantes 36 (38,7%) marcou de 2 a 3 medicamentos. Já Masson et al. (2012) evidenciou em sua pesquisa que a maioria dos acadêmicos apontou já ter usado mais de cinco medicamentos sem receita médica (42,8%), seguido por quatro ou cinco (37,0%). As classes de medicamentos mais utilizadas encontradas pelo nosso estudo foram analgésicos e antitérmicos (89,2%), seguida de antigripal (63,4%) e anti-inflamatório não esteroide

(52,7%). Resultados parecidos foram encontrados na pesquisa realizada por Tognoli et al. (2019), na qual, foram mais prevalentes analgésicos em 229 alunos (11,75%), anti-inflamatórios em 209 (10,87%), antigripais em 197 (10,24%), relaxantes musculares em 168 (8,74%) e antitérmicos em 145 (7,54%). Assim sendo, essa realidade se explica pela facilidade de aquisição sem receituário médico, tendo em vista que, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), não há necessidade de prescrição para os medicamentos acima considerados.

No tocante à utilização de estimulantes o número de participantes que marcaram fazerem uso foi de 63 (67,7%), cafeína foi marcado por 57 (90,5%) dos que relataram fazer uso de estimulantes, seguido por energéticos 24 (38,1%) e guaraná 9 (14,3%). Resultado semelhante ao obtido por Nascimento et al. (2019) em seu estudo, sendo as classes mais mencionadas cafeína (59), energéticos (9), metilfenidato (6), guaraná (5). Fallah et al. (2018), relata que os estudantes de medicina estão mais propensos ao uso indiscriminado e sem indicação terapêutica de estimulantes (principalmente o metilfenidato), devido às exigências de suas condições acadêmicas, que incluem vigília prolongada, estresse, melhorias na concentração e no desempenho acadêmico.

Os principais sinais e sintomas marcados como responsáveis pela automedicação foram cefaleia 69 (74,2%), resfriado 54 (58,1%) e febre 41 (44,1%). Novamente semelhante aos resultados obtidos por Tognoli et al. (2019) em seu estudo, no qual o quadro clínico precedente à automedicação nos participantes da pesquisa incluiu cefaleia em 259 discentes (83,82%), mialgia em 238 (77,02%), resfriado comum em 213 (68,93%), epigastralgia em 194 (62,78%) e febre em 189 (61,16%).

As principais justificativas foram busca de alívio rápido dos sintomas 75 (80,6%), seguido de praticidade 67 (72%) e facilidade de compra (46,2%). Resultado semelhante ao encontrado por Nascimento et al. (2019) em seu estudo, no qual a principal justificativa para tal foi a praticidade e a comodidade que a automedicação traz, sendo este motivo relatado por 97,1% (272/280) das pessoas, seguido pela facilidade na compra dos medicamentos em 72,5% dos casos (203/280). Masson et al. (2012) também encontrou resultado semelhante em seu estudo. Entre as justificativas apresentadas para a prática da automedicação, a “busca de alívio rápido dos sintomas” aparece em 76,5% (277/356) das respostas.

Também em seu estudo, Masson et al. (2012) evidencia que muitos motivos levam as pessoas à realização da prática de automedicação, alguns deles são, custos elevados de consultas médicas e ansiedade em sanar os sintomas rapidamente, além da

inacessibilidade dos serviços de saúde, longo tempo de espera nas filas de atendimento e, em algumas situações, necessidade de aguardar por muito tempo para obter uma consulta médica.

O perfil observado na população estudada mostrou não haver diferença estatisticamente significativa em relação ao uso de medicação sem prescrição médica, em relação a idade, ao gênero e a renda familiar dos discentes participantes da amostra.

6 CONCLUSÕES

De acordo com este estudo foi possível evidenciar que a prevalência de automedicação em acadêmicos de medicina da UEPA é significativa e superior a alguns resultados descritos em estudos semelhantes realizados anteriormente. Esses resultados denotam a necessidade de intervenção das estruturas educacionais, visando a elaboração de espaços para a discussão e aprofundamento desta temática pelos discentes, tendo em vista que, como futuros médicos serão formadores de opinião e responsáveis por orientar a população. Dessa forma, é fundamental ao acadêmico compreender que a automedicação pode ser considerada uma prática de autocuidado, mas que possui riscos e malefícios quando feita sem orientação e de forma indiscriminada. Sendo evidenciado, portanto, que a presente discussão merece especial atenção dos responsáveis pela formação médica, visto que a problemática tangencia a formação de futuros profissionais da saúde que precisarão agir de maneira consciente ao longo de toda a vida profissional.

REFERÊNCIAS

- ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Consulta Pública nº 95 [Internet], de 19 de novembro de 2001. Brasília. Disponível em: <http://www4.anvisa.gov.br/base/visadoc/CP/CP%5B2735-1-0%5D.PDF>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Resolução - RDC nº 84, de 19 de março de 2002. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/hotsite/genericos/legis/resolucoes/2002/84_02rdc.htm/. Acesso em: 10 de abril de 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Levantamento mostra que 25% dos casos de intoxicação atingem crianças com até 5 anos. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/criancas-sao-25-das-vitimas-de-intoxicacao/>. Acesso em: 10 de abril de 2020.
- CUNHA, L.F.O.; BACHUR, T.P.R.; A influência da educação médica na prática da automedicação entre acadêmicos de medicina. *Revinter*, v. 12, n. 01, p. 19-26, fev. 2019.
- FALLAH, G.; MOUDI, S.; HAMIDIA, A.; BIJANI, A. Stimulant use in medical students and residents requires more careful attention. *Caspian J Intern Med.*, v. 9, n. 01, p. 87-91, 2018.
- FERREIRA, W.A.; SILVA, M.E.S.T.; PAULA, A.C.C.F.F.; Resende, C.A.M.B. Avaliação de Farmácia Caseira no Município de Divinópolis (MG) por Estudantes do Curso de Farmácia da Unifenas. *Rev. Infarma*, v.17, nº 7/9, 2005.
- FILHO, A.I.L.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; et al. Prevalencia e fatores associados a automedicacao: resultados do Projeto Bambui. *Rev. Saúde Pública, São Paulo*, v. 36, n. 1, 2002.
- FONSECA, F.I.R.M; DEDIVITIS, R.A; SMOKOU, A.; et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. *Diagn Tratamento*. 2010;15(2):53-7
- LIRA, C.A.B.; OLIVEIRA, J.N.S.; ANDRADE, M.S.; CAMPANHARO, C.R.V.; VANCINI, R.L. Conhecimento, percepções e utilização de medicamentos genéricos: um estudo transversal. 3. ed. Goiânia-GO: Einstein (São Paulo), 2014; 12:267-273.
- MASSON, W.; FURTADO, P.L.; LAZARINI, C.A.; et al. Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*. Vitória, 14(4): 82-89, out-dez, 2012.
- MORAES, L.G.M.; BERNADINA, L.S.D.; ANDRIATO, L.C.; et al. Automedicação em acadêmicos de Medicina. *Rev Soc Bras Clin Med*. 2018 abr-jun;16(3):167-70
- MONTGOMERY A. J.; BRADLEY, C.; ROCHFORT, A. PANAGOPOULOU, E. A Review of Self-Medication in Physicians and Medical Students. *Occup Med (Lond)*, v. 61, p.490-497. 2011.

NACIMENTO, C.S.; ARAÚJO, K.M.M.; GUSMÃO, D.B.M. et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. Rev. Med. v. 98, n. 6, p. 367-373, 2019.

NETO, J.A.C.; SIRIMARCO, M.T.; CHOI, C.M.K. et al. Automedicação entre estudantes da faculdade de medicina da universidade federal de Juiz de Fora. Rev. HU. v. 32, n. 3, p. 59-64, 2006.

PILGER, M. C.; DOMBROWSKI, G.; REBELO, M.; et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. Rev. da AMRIGS. Porto Alegre, 60 (1): xx-xx, jan.-mar. 2016.

ROCHA, J. S. Meus heróis morreram de overdose. Galênicas, n. 37, p. 02, 2009.

SILVA, R.C.G.; OLIVEIRA, T.M.; CASIMIRO, T.S.; Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto) 2012;45(1): 5-11

TARLEY, M.G.G.; HENRIQUE, E.; MIGUEL, M.A.; et al. Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na universidade de Marília-sp. BJSCR (ISSN online: 2317-4404) .

TOGNOLI, T.A; TAVARES, V.O; RAMOS, A.P.D.; et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. J. Health Biol Sci. 2019; 7(4): 382-386

TOMASINI, A.A.; FERRAES, A.M.B.; SANTOS, J.S. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. 1. ed. Londrina-PR: Biosáude, 2015; 17:1-12.

UEPA. Apresentação, 2020. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/campusmaraba/index.php/institucional/historico/>>. Acesso em: 02 de março de 2020.

ZAMUNER, C. P.; Prefeitura do Município de Tietê Secretaria Municipal de Saúde Vigilância Sanitária e Epidemiológica. Cuidado com os medicamentos. Jun. 2006. Disponível em: Acesso em: 05-10-2007.